RSV
ISSN 2674-8584

Received: 27/09/2026 - **Accepted:** 03/10/2026
Vol: 08.10
DOI: 10.66104/6ydgm925
Pages: 1-15

MANEJO ALIMENTAR DO LOBO-GUARÁ (*Chrysocyon brachyurus*) SOB CUIDADOS HUMANOS: DIETA, SAÚDE E COMPORTAMENTO NA MANUTENÇÃO E REABILITAÇÃO – revisão narrativa

FEEDING MANAGEMENT OF THE MANED WOLF (*Chrysocyon brachyurus*) UNDER HUMAN CARE: DIET, HEALTH, AND BEHAVIOR IN LONG-TERM CARE AND REHABILITATION – a narrative review

MANEJO ALIMENTARIO DEL LOBO DE CRIN (*Chrysocyon brachyurus*) BAJO CUIDADO HUMANO: DIETA, SALUD Y COMPORTAMIENTO EN EL MANTENIMIENTO Y LA REHABILITACIÓN: revisión narrativa

Letícia Borges Santos
Graduanda em Medicina Veterinária, UniMG, Brasil
E-mail: leticia.30397@alunofpm.com.br

Dr. Daniela Cristina Silva Borges
Bióloga, Médica Veterinária, Professora, Doutora em Saúde Animal, UniJK e UniMG, Brasil. E-mail: daniela@unijk.edu.br

Dr. Saulo Gonçalves Pereira
Biólogo, Pedagogo, Professor, Doutor em Saúde Animal, UniMG, Brasil. E-mail: saulobiologo@yahoo.com.br

Resumo

O lobo-guará (Chrysocyon brachyurus) apresenta alimentação onívora, mas a dieta oferecida sob cuidados humanos nem sempre reproduz a diversidade de recursos e as oportunidades de busca encontradas em vida livre. Objetivou-se discutir o manejo alimentar e nutricional da espécie em instituições de manutenção e reabilitação, considerando a composição das dietas, a saúde, o comportamento alimentar e a preparação para soltura. Foi realizada uma revisão narrativa de artigos científicos, trabalhos acadêmicos e documentos técnicos em português e inglês. Os estudos consultados mostram que dietas com maior participação de carne e presas podem fornecer teores elevados de proteína, enquanto a alteração da fonte proteica requer atenção à cistinúria, à taurina e a outros componentes nutricionais. Em zoológicos, as quantidades de alimentos comerciais, presas e vegetais variaram entre instituições. Trabalhos de enriquecimento alimentar indicaram maior exploração quando os animais puderam procurar alimento no recinto. Os relatos de reabilitação destacaram a adaptação gradual da dieta e da forma de oferta, acompanhada da avaliação clínica e comportamental. Conclui-se que não há uma composição ou um horário único de alimentação aplicável a todos os lobos-guarás. A dieta deve ser ajustada à condição individual e à finalidade do

CC BY

ISSN 2674-8584

Received: 27/09/2026 - **Accepted:** 03/10/2026
Vol: 08.10
DOI: 10.66104/6ydgm925
Pages: 1-15

manejo, com acompanhamento do consumo, da condição corporal, das fezes, da saúde urinária e da capacidade de obter alimento.

Palavras-chave: Chrysocyon brachyurus. Nutrição animal. Cistinúria. Enriquecimento alimentar. Reabilitação..

Abstract
The maned wolf (Chrysocyon brachyurus) has an omnivorous diet, but feeding under human care does not always reflect the variety of foods and foraging opportunities available in the wild. This study discusses the feeding and nutritional management of the species in long-term care and rehabilitation, focusing on diet composition, health, feeding behavior and preparation for release. A narrative review was conducted using scientific articles, academic works and technical documents in Portuguese and English. The reviewed studies indicate that diets rich in meat and prey may provide high levels of protein, whereas changes in protein sources require attention to cystinuria, taurine status and other nutrients. The proportions of commercial foods, prey and produce differed considerably among zoos. Feeding enrichment studies reported more exploratory behavior when wolves searched for food in their enclosures. Rehabilitation reports described gradual changes in diet and food presentation together with clinical and behavioral monitoring. No single diet composition or feeding schedule applies to every maned wolf. Feeding plans should therefore be adjusted to each animal's condition and management purpose, while monitoring intake, body condition, fecal consistency, urinary health and the ability to obtain food.

Keywords: Chrysocyon brachyurus. Animal nutrition. Cystinuria. Feeding enrichment. Rehabilitation.

Resumen
El lobo de crin (Chrysocyon brachyurus) tiene una alimentación omnívora, pero la dieta ofrecida bajo cuidado humano no siempre reproduce la diversidad de recursos ni las oportunidades de búsqueda de alimento presentes en vida libre. El objetivo fue analizar el manejo alimentario y nutricional de la especie en instituciones de mantenimiento y rehabilitación, considerando la composición de las dietas, la salud, el comportamiento alimentario y la preparación para su liberación. Se realizó una revisión narrativa de artículos científicos, trabajos académicos y documentos técnicos en portugués e inglés. Los estudios consultados muestran que las dietas con mayor proporción de carne y presas pueden aportar niveles elevados de proteínas, mientras que los cambios en la fuente proteica requieren atención a la cistinuria, la taurina y otros componentes nutricionales. En los zoológicos, las cantidades de alimentos comerciales, presas y vegetales variaron entre instituciones. Los estudios de enriquecimiento alimentario señalaron una mayor exploración cuando los animales pudieron buscar alimento en el recinto. Los informes de rehabilitación destacaron la adaptación gradual de la dieta y de su forma de presentación, acompañada de evaluaciones clínicas y conductuales. Se concluye que no existe una composición de dieta ni un horario de alimentación único aplicable a todos los lobos de crin. La dieta debe ajustarse a la condición individual y al propósito del manejo, con seguimiento del consumo, la condición corporal, las heces, la salud urinaria y la capacidad para obtener alimento.

Palabras clave: Chrysocyon brachyurus. Nutrición animal. Cistinuria. Enriquecimiento alimentario. Rehabilitación.

1. Introdução

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 27/09/2026 - **Accepted:** 03/10/2026
Vol: 08.10
DOI: 10.66104/6ydgm925
Pages: 1-15

O lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus* - Illiger, 1815) é um canídeo associado principalmente às paisagens abertas da América do Sul, com ocorrência expressiva no Cerrado brasileiro. Suas pernas longas para maior acuidade visual e o hábito de percorrer grandes áreas fazem parte de seu nicho. Embora pertença à ordem Carnívora, a espécie não se alimenta apenas de carne, classifica-se como onívoro oportunista (Dietz, 1984; Bueno; Belentani; Motta-Junior, 2002; Paula *et al*., 2013; Pereira *et al*., 2019; Ciceri, 2025).

Em vida livre, a dieta inclui frutos, pequenos mamíferos, aves, répteis e invertebrados (Paula *et al*., 2013; Pereira *et al*., 2019). A lobeira (*Solanum lycocarpum*) aparece com frequência em estudos realizados no Cerrado, mas sua participação varia conforme a região e a disponibilidade local de recursos (Motta-Junior *et al*., 1996; Queirolo; Motta-Junior, 2007; Paula *et al*., 2013; Pereira *et al*., 2019). Silva e Talamoni (2003) observaram que lobos-guarás com acesso à carne oferecida em uma reserva continuavam consumindo alimentos encontrados no ambiente. Esses registros ajudam a compreender a flexibilidade alimentar da espécie sem transformar uma dieta observada em determinada área em padrão obrigatório para todos os indivíduos.

Quando um lobo-guará é encaminhado a um zoológico ou centro de reabilitação, a alimentação passa a depender das escolhas da equipe responsável. A oferta regular facilita o controle do consumo, mas pode concentrar a dieta em poucos ingredientes e reduzir as oportunidades de procurar e manipular alimentos. Barboza *et al*. (1994) mostraram que a substituição parcial de presas e carne por ração extrusada alterou o teor de proteína da dieta de parte dos animais. Em um levantamento posterior, Phipps e Edwards (2009) encontraram grande variação entre as dietas oferecidas em instituições norte-americanas.

Algumas condições clínicas tornam as escolha da dieta um fator importante. A cistinúria, que pode favorecer a formação de cristais e cálculos urinários, motivou pesquisas sobre fontes de proteína e composição dos alimentos. Childs-Sanford

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 27/09/2026 - **Accepted:** 03/10/2026
Vol: 08.10
DOI: 10.66104/6ydgm925
Pages: 1-15

(2005) encontrou respostas urinárias favoráveis em determinadas dietas com maior participação de proteína vegetal, mas também observou baixas concentrações de taurina em animais submetidos a dietas estudadas. Não basta, portanto, corrigir isoladamente a quantidade de proteína: o conjunto dos nutrientes e a resposta clínica do animal precisam ser acompanhados.

A forma de apresentação do alimento também interfere no manejo. Ao esconder camundongos no recinto de quatro lobos-guarás, Cummings *et al*. (2007) registraram aumento do comportamento exploratório. Essa possibilidade ganha outro sentido quando se trata de um animal que poderá retornar à natureza, pois procurar, reconhecer e obter alimento são habilidades necessárias em vida livre. Relatos de reabilitação descrevem mudanças graduais na dieta e na maneira de oferecê-la, associadas à avaliação da condição física e do comportamento antes da soltura (Faria; Maia; Ruiz-Miranda, 2023; Vetter Hiebert *et al*., 2024).

Diante dessas diferenças entre a alimentação em campo, a manutenção em cativeiro e a reabilitação, objetivou-se discutir, por meio de uma revisão narrativa, o manejo alimentar e nutricional de *C. brachyurus* sob cuidados humanos. Aborda-se a composição das dietas, suas relações com a saúde e o comportamento alimentar da espécie, além dos cuidados necessários durante a preparação para soltura.

2. Metodologia

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de caráter descritivo e abordagem qualitativa. Foram consultados artigos científicos, trabalhos acadêmicos e documentos técnicos sobre a alimentação de *C. brachyurus* em vida livre e sob cuidados humanos. A busca utilizou os termos “lobo-guará”, “*Chrysocyon brachyurus*”, “maned wolf”, “diet”, “feeding”, “nutrition”, “captive”, “captivity”, “rehabilitation”, “zoo” e “release”, isoladamente ou em combinação.

Foram utilizados trabalhos em português e inglês que contribuíssem para a discussão sobre composição da dieta, consumo de alimentos, digestibilidade, saúde associada à alimentação, comportamento alimentar, enriquecimento e manejo nutricional durante a reabilitação. Estudos sobre animais em vida livre

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 27/09/2026 - **Accepted:** 03/10/2026
Vol: 08.10
DOI: 10.66104/6ydgm925
Pages: 1-15

também foram consultados para contextualizar os hábitos alimentares naturais da espécie. Foram desconsiderados trabalhos sem relação direta com o tema e aqueles que abordavam outras espécies sem apresentar informações específicas sobre *C. brachyurus*.

A busca da fontes ocorreu de junho a setembro de 2026. Utilizou-se o ChatGPT (OpenAI) como apoio à organização de informações. A seleção das fontes, a conferência das informações e a redação final ficaram sob responsabilidade dos autores.

3. Resultados e discussão

3.1 Hábitos alimentares de *C. brachyurus*

A revisão de Cordeiro (2025) reuniu estudos conduzidos em diferentes regiões e apontou a recorrência de pequenos vertebrados, insetos e frutos, com destaque para a *S. lycocarpum*. A frequência com que um alimento aparece nas fezes, contudo, não equivale à sua participação em massa nem informa, por si só, o quanto de seus nutrientes foi aproveitado. Essa distinção é necessária quando se usam dados de campo para planejar uma dieta em zoológicos ou centros de reabilitação. Uma presa pode deixar vestígios facilmente identificáveis, ao passo que a importância nutricional de certos frutos exige outras formas de avaliação.

Os estudos anatômicos e de conteúdo reforçam a presença de matéria vegetal e animal na alimentação da espécie (Silva *et al*., 2025). Essa constatação sustenta a inclusão de diferentes fontes alimentares, mas não apoia diretamente as proporções observadas na natureza. No ambiente natural, a escolha é influenciada pela estação, pelo esforço de busca e pela disponibilidade de presas e frutos. Sob cuidados humanos, a oferta costuma ser regular e o gasto de energia pode ser diferente. Portanto, a alimentação natural fornece uma referência ecológica, enquanto o estado clínico e corporal de cada indivíduo precisa orientar a dieta efetivamente oferecida.

Em vida livre, *C. brachyurus* apresenta dieta onívora, generalista e oportunista, constituída por ampla variedade de alimentos de origem vegetal e

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 27/09/2026 - **Accepted:** 03/10/2026
Vol: 08.10
DOI: 10.66104/6ydgm925
Pages: 1-15

animal, incluindo frutos nativos, pequenos mamíferos, aves, répteis, anfíbios, artrópodes e moluscos (Pereira *et al*., 2019; Ciceri, 2025)

Entre os itens mais frequentes destacam-se a *S. lycocarpum* e os roedores silvestres, com variações sazonais: durante o período chuvoso, há maior consumo de frutos, enquanto na estação seca aumenta a participação de pequenos mamíferos (Paula *et al*., 2013; Ciceri, 2025).

Em cativeiro, essa diversidade natural deve orientar a formulação de dietas balanceadas, compostas por fontes adequadas de proteínas, fibras, vitaminas e minerais, com inclusão controlada de frutos, vegetais e alimentos de origem animal, evitando cardápios monótonos ou excessivamente energéticos (Ciceri, 2025).

A oferta dos alimentos também deve funcionar como enriquecimento ambiental, estimulando a procura, a manipulação e outros comportamentos alimentares característicos da espécie, contribuindo para a manutenção da saúde física e comportamental dos indivíduos sob cuidados humanos. Essa recomendação para o cativeiro é uma aplicação técnica baseada na diversidade alimentar observada em vida livre, pois o trabalho consultado concentra sua análise principalmente nos hábitos alimentares em ambientes naturais e antropizados (Barboza *et al*., 1994; Ciceri, 2025).

3.2 Hábitos alimentares em campo

Na Reserva da Serra do Caraça, Silva e Talamoni (2003) estudaram fezes de lobos-guarás que tinham acesso a carne bovina fornecida como suplemento. Mesmo nessa condição, registraram frutos, pequenos mamíferos, aves, insetos e outros itens encontrados no ambiente. A suplementação, portanto, não eliminou o forrageamento. O caso é particularmente útil para esta revisão porque mostra que a presença de alimento oferecido pelo ser humano não descreve sozinha a dieta ingerida por um animal que ainda circula livremente.

A oferta de recursos muda com o lugar e com a época do ano. No Caraça, a participação dos itens alimentares variou entre os períodos de coleta, e a alimentação incluiu tanto lobeira quanto outros frutos e presas (Silva; Talamoni,

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 27/09/2026 - **Accepted:** 03/10/2026
Vol: 08.10
DOI: 10.66104/6ydgm925
Pages: 1-15

2003). Cordeiro (2025), ao comparar pesquisas realizadas em diferentes paisagens, encontrou variações regionais e sazonais, mas também registrou resultados que não seguiram uma única direção para as estações seca e chuvosa. Assim, não seria correto estabelecer uma receita fixa de dieta natural para todos os lobos-guarás. As condições locais interferem tanto no que o animal encontra quanto no que os pesquisadores conseguem detectar.

A importância da lobeira aparece em diferentes estudos sobre alimentação em vida livre, entre eles os discutidos por Cordeiro (2025) e aqueles já apresentados neste trabalho (Bueno; Belentani; Motta-Junior, 2002; Queirolo; Motta-Junior, 2007). Isso ajuda a compreender por que frutos nativos são considerados na reabilitação. Ainda assim, a lobeira não substitui a diversidade de presas e de outros vegetais. A alimentação em campo também envolve a procura, a manipulação e a escolha do alimento, atividades que podem ser reduzidas quando a refeição é sempre servida pronta e no mesmo local.

3.3 Manejo alimentar sob cuidados humanos

O principal desafio do manejo alimentar em cativeiro consiste em distinguir a simples oferta de alimentos variados do fornecimento de uma dieta nutricionalmente equilibrada e adequada às exigências fisiológicas da espécie. Barboza *et al*. (1994) acompanharam a ingestão de *C. brachyurus* submetidos a dietas com maior participação de presas e carne e, depois, a dietas que incorporavam ração extrusada. Com a mudança, o teor de proteína caiu de cerca de 44% para 29% da matéria seca, sem alteração expressiva no consumo de matéria seca. A digestibilidade aparente foi semelhante nas duas condições avaliadas, aproximadamente 77% e 73%, embora a consistência fecal tenha se tornado mais mole quando a participação de presas foi menor. O resultado impede uma interpretação simplista segundo a qual reduzir proteína, isoladamente, resolveria todas as necessidades nutricionais e digestivas.

O mesmo estudo discutiu os possíveis efeitos de dietas muito ricas em proteína sobre condições como a cistinúria, mas não demonstrou a prevenção

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 27/09/2026 - **Accepted:** 03/10/2026
Vol: 08.10
DOI: 10.66104/6ydgm925
Pages: 1-15

clínica dessa alteração por uma fórmula específica. Os autores encerraram o artigo com uma ressalva pertinente: “Further research is required to evaluate dietary formulations for long-term management of cystinuria in this species [...]” (Barboza *et al*., 1994, p. 380). Em tradução livre, ainda é necessário avaliar formulações para o manejo prolongado da cistinúria. A cautela continua válida ao interpretar experiências feitas com poucos animais e por períodos limitados.

A cistinúria exige atenção especial porque envolve a excreção urinária de cistina e pode favorecer a formação de cristais e cálculos. Na dissertação de Childs-Sanford (2005), dietas com maior participação de proteína vegetal elevaram, em média, o pH urinário e reduziram a formação de cristais e a excreção de cistina nos animais avaliados. O achado sugere uma possibilidade de manejo, não uma solução universal. Alterar a fonte proteica afeta também a oferta de aminoácidos e de minerais; por isso, o planejamento precisa considerar o conjunto da dieta e o acompanhamento clínico do indivíduo.

Childs-Sanford (2005) ainda comparou respostas digestivas de *C. brachyurus* e cães domésticos e observou diferenças na digestibilidade de nutrientes e na retenção de minerais, embora o trânsito gastrointestinal tenha sido semelhante nas condições estudadas. A comparação com cães pode ajudar a formular hipóteses, mas não transforma as exigências nutricionais de uma espécie nas da outra. A autora também relatou concentrações plasmáticas de taurina baixas em seis lobos alimentados com duas dietas testadas. Esse dado chama a atenção para a possibilidade de criar outra deficiência ao tentar corrigir um problema urinário.

Esse cuidado aparece novamente no levantamento de Phipps e Edwards (2009), realizado com informações de 26 instituições norte-americanas. Após experiências com uma alimentação padronizada e preocupações com o estado de taurina e cobre de alguns animais, as instituições passaram a empregar diferentes combinações de produtos comerciais, presas e vegetais. O próprio estudo registra que “[...] each of the 26 SSP institutions were feeding maned wolves diets differing

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 27/09/2026 - **Accepted:** 03/10/2026
Vol: 08.10
DOI: 10.66104/6ydgm925
Pages: 1-15

in ingredients, quantity and nutrient composition [...]" (Phipps; Edwards, 2009, p. 1). A variedade entre instituições, entretanto, não comprova que uma das combinações seja superior. O levantamento descreveu o que era oferecido e apontou lacunas nas informações nutricionais de parte dos ingredientes.

Os dados de Phipps e Edwards (2009) também ajudam a evitar outro equívoco: a inclusão de frutas na rotina não garante que elas representem parcela relevante da alimentação. Na média relatada pelos autores, alimentos comerciais correspondiam à maior parte do peso oferecido, enquanto os produtos vegetais respondiam por uma fração menor, com ampla diferença entre instituições. A análise deve considerar a matéria seca e os nutrientes, além do peso do alimento fresco. Uma fruta rica em água, por exemplo, não pode ser comparada diretamente com uma ração seca apenas pelos gramas colocados no comedouro.

No manejo cotidiano, alguns indicadores permitem avaliar como o animal responde à dieta. Consumo, peso, condição corporal, consistência das fezes e alterações urinárias fornecem informações diferentes e complementares. Barboza *et al*. (1994) observaram mudança na consistência fecal mesmo sem grande diferença na digestibilidade aparente. Phipps e Edwards (2009), registraram variação da consistência entre animais de uma mesma instituição e reconheceram que saúde, atividade e hidratação também podem interferir. Assim, fezes mais moles não devem ser automaticamente atribuídas a um único ingrediente; é necessário examinar o contexto clínico e a alimentação completa.

A forma de oferecer a refeição merece tanta atenção quanto sua composição, sobretudo quando o animal está em reabilitação. Cummings *et al*. (2007) acompanharam quatro lobos adultos e compararam períodos sem enriquecimento, com camundongos mortos escondidos no recinto e com bolas introduzidas no ambiente. A exploração aumentou sobretudo quando havia alimento a procurar. Em machos, os metabólitos fecais de corticoides também aumentaram durante períodos de enriquecimento, e os autores não encontraram correlação geral entre esse indicador e a resposta comportamental. Desse modo, o

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 27/09/2026 - **Accepted:** 03/10/2026
Vol: 08.10
DOI: 10.66104/6ydgm925
Pages: 1-15

estudo sustenta o uso do alimento para estimular a busca, mas não permite afirmar que qualquer enriquecimento reduz o estresse.

Em uma rotina de manutenção, distribuir o alimento em pontos diferentes, variar sua apresentação e permitir alguma manipulação pode ampliar as oportunidades de exploração. Para um animal destinado à soltura, o sentido dessas práticas é mais específico: observar se ele procura, reconhece e obtém alimentos compatíveis com os recursos que encontrará fora do recinto. A oferta não deve se limitar a tornar a refeição mais trabalhosa. Deve ser acompanhada da avaliação de comportamento, condição corporal e capacidade efetiva de alimentação, de maneira especial quando há histórico de ferimentos ou de longo período sob cuidados humanos (Cummings *et al*., 2007; Faria; Maia; Ruiz-Miranda, 2023).

No relato descrito por Faria, Maia e Ruiz-Miranda (2023), a alimentação de uma fêmea em reabilitação foi modificada por etapas, com mudanças nas proporções de ração, frutos e alimentos de origem animal e na maneira de distribuí-los. Frutos inteiros ou em pedaços maiores e a oferta de presas foram usados para favorecer o forrageamento. A experiência é útil como exemplo de adaptação progressiva, mas envolve um único animal. Não se pode extrair dela uma proporção alimentar obrigatória para toda a espécie, nem concluir que a resposta obtida seria a mesma para filhotes, animais debilitados ou indivíduos mantidos permanentemente em zoológicos.

Vetter Hiebert *et al*. (2024) também relataram o manejo de um lobo-guará resgatado e posteriormente reintroduzido no Paraguai. O preparo incluiu alimentação diversificada, estratégias de enriquecimento e acompanhamento das condições físicas e comportamentais. A soltura após o tratamento indica o desfecho daquele caso, mas não demonstra, sozinha, qual componente do manejo alimentar foi decisivo. Os dois relatos de reabilitação mostram a necessidade de ajustar a oferta de alimento à evolução do indivíduo, sem separar o cuidado nutricional da avaliação clínica e comportamental.

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 27/09/2026 - **Accepted:** 03/10/2026
Vol: 08.10
DOI: 10.66104/6ydgm925
Pages: 1-15

O levantamento de Phipps e Edwards (2009) permite dimensionar quanto as dietas oferecidas podem variar: nas 26 instituições consultadas, os alimentos comerciais representavam, em média, 71,1% do peso da dieta diária, com valores entre 23,8% e 94,2%. Presas respondiam por 9,2% e vegetais frescos por 17%, também com grande variação entre zoológicos. Esses percentuais descrevem o peso dos alimentos oferecidos, não a distribuição de nutrientes efetivamente ingeridos. Para comparação, Barboza *et al*. (1994) mediram consumo de matéria seca entre 374 e 584 g por dia, padronizado para um animal de 30 kg, em dietas cujo teor de proteína foi reduzido de 44% para 29% da matéria seca. Os dois estudos evidenciam por que quantidades expressas em peso fresco e em matéria seca não devem ser tratadas como equivalentes.

Os horários e a frequência de alimentação também variaram nos protocolos descritos. Barboza *et al*. (1994) ofereceram ratos pela manhã e a mistura de alimentos à tarde, sem indicar horas fixas. Em um experimento descrito por Childs-Sanford (2005), a alimentação ocorria uma vez ao dia, pela manhã: cada lobo recebia aproximadamente 800 g de ração extrusada e dois camundongos de cerca de 25 g cada, durante aproximadamente 13 semanas. Trata-se de quantidades e horários de um protocolo experimental, não de uma recomendação geral para a espécie. Em vida livre, Silva e Talamoni (2003) registraram animais que recebiam carne bovina diariamente dos responsáveis por uma reserva e continuavam consumindo recursos naturais. O estudo não informa um horário de oferta que possa servir de referência para o manejo em cativeiro.

A regularidade da oferta não precisa significar alimento sempre disponível da mesma maneira. Cummings *et al*. (2007) acompanharam quatro lobos adultos durante oito semanas e, em intervalos de duas semanas, compararam períodos sem enriquecimento, com camundongos mortos escondidos no recinto e com objetos. A busca pelos camundongos aumentou a exploração, o que sugere uma utilidade comportamental da distribuição espacial da refeição. O trabalho, porém, não estabeleceu o melhor horário do dia nem a quantidade diária ideal de presas.

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 27/09/2026 - **Accepted:** 03/10/2026
Vol: 08.10
DOI: 10.66104/6ydgm925
Pages: 1-15

Considerados em conjunto, esses resultados indicam que a definição de porções e horários deve partir da dieta completa, do consumo observado, da condição corporal e da finalidade do manejo; o fracionamento e a apresentação do alimento podem então ser ajustados conforme a resposta de cada animal (Phipps; Edwards, 2009; Childs-Sanford, 2005).

Em conjunto, os trabalhos consultados indicam que o manejo alimentar deve ser definido segundo a finalidade do cuidado. Na manutenção prolongada, a prioridade é oferecer uma dieta completa, monitorar possíveis alterações clínicas e conservar oportunidades de exploração. Na reabilitação, além desses cuidados, interessa verificar a recuperação das habilidades de busca e obtenção de alimento. Os estudos disponíveis incluem levantamentos institucionais, ensaios com amostras pequenas e relatos individuais; por isso, seus resultados orientam decisões de manejo, mas ainda não estabelecem uma formulação única para todos os lobos-guarás sob cuidados humanos.

4. Considerações finais

O manejo alimentar de *C. brachyurus* sob cuidados humanos deve considerar sua alimentação onívora, composta por frutos, pequenos animais e outros recursos disponíveis na natureza. Os estudos discutidos mostram que dietas baseadas predominantemente em carne ou presas podem fornecer proteína em excesso, enquanto mudanças feitas para reduzir esse consumo também exigem atenção ao fornecimento de outros nutrientes, como a taurina. Por isso, não há uma proporção única de ração, frutas e alimentos de origem animal que possa ser indicada para todos os indivíduos.

A dieta precisa ser ajustada à idade, à condição corporal, ao estado de saúde e à finalidade do cuidado. Além de avaliar o que é oferecido e efetivamente consumido, é necessário acompanhar o peso, a consistência das fezes e possíveis alterações urinárias, sobretudo em animais com cistinúria. As mudanças na alimentação devem ser graduais e acompanhadas por profissionais responsáveis pelo manejo clínico e nutricional.

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 27/09/2026 - **Accepted:** 03/10/2026
Vol: 08.10
DOI: 10.66104/6ydgm925
Pages: 1-15

A maneira de fornecer o alimento também faz parte desse cuidado. Frutos apresentados de diferentes formas e alimentos distribuídos pelo recinto podem estimular a exploração e a procura por comida. Para animais em preparação para soltura, essas práticas devem ser associadas à observação da capacidade de reconhecer, buscar e obter alimentos. A recuperação física, isoladamente, não permite concluir que o indivíduo esteja pronto para retornar à natureza.

Conclui-se que a alimentação do lobo-guará deve reunir adequação nutricional, acompanhamento da saúde e oportunidades de expressão do comportamento alimentar. Os trabalhos analisados oferecem orientações para esse manejo, mas as diferenças entre os animais e o número limitado de estudos experimentais impedem a adoção de uma dieta padronizada para toda a espécie. Cada plano alimentar deve, portanto, ser avaliado e ajustado conforme a resposta do indivíduo ao longo do período sob cuidados humanos.

REFERÊNCIAS

BARBOZA, Perry S.; ALLEN, Mary E.; RODDEN, Melissa; POJETA, Kim. Feed intake and digestion in the maned wolf (*Chrysocyon brachyurus*): consequences for dietary management. **Zoo Biology**, [*S. l.*], v. 13, n. 4, p. 375-381, 1994. DOI: 10.1002/zoo.1430130410.

BUENO, Adriana de Arruda; BELENTANI, Sonia Cristina da Silva; MOTTA-JUNIOR, José Carlos. Feeding ecology of the maned wolf, *Chrysocyon brachyurus* (Illiger, 1815) (Mammalia: Canidae), in the Ecological Station of Itirapina, São Paulo state, Brazil. **Biota Neotropica**, [*S. l.*], v. 2, n. 2, p. 1-9, 2002. DOI: 10.1590/S1676-06032002000200007.

CHILDS-SANFORD, Sara E. **The captive maned wolf (*Chrysocyon brachyurus*)**: nutritional considerations with emphasis on management of cystinuria. 2005. Dissertação (Mestrado em Animal Sciences) – University of Maryland, College Park, 2005. Disponível em: https://drum.lib.umd.edu/items/9ef4026f-8103-4fd2-9e8f-2714fb97d Acesso em: 24 set. 2026.

CICERI, Evelyn da Graça Santos. **Revisão bibliográfica sobre os hábitos alimentares do lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*)**. 2025. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2025. Disponível em: Acesso em: 24 set. 2026.

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 27/09/2026 - **Accepted:** 03/10/2026
Vol: 08.10
DOI: 10.66104/6ydgm925
Pages: 1-15

CORDEIRO, Talline Sousa. **Composição da dieta do lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*)**: uma revisão integrativa. 2025. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Biológicas) – Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2025. Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/28528. Acesso em: 24 set. 2026.

CUMMINGS, Dawn; BROWN, Janine L.; RODDEN, Melissa D.; SONGSASEN, Nucharin. Behavioral and physiologic responses to environmental enrichment in the maned wolf (*Chrysocyon brachyurus*). **Zoo Biology**, [*S. l.*], v. 26, n. 5, p. 331-343, 2007. DOI: 10.1002/zoo.20138.

DIETZ, James M. **Ecology and social organization of the maned wolf (*Chrysocyon brachyurus*)**. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press, 1984. 51 p. (Smithsonian Contributions to Zoology, n. 392). DOI: 10.5479/si.00810282.392.

FARIA, Ana Raquel; MAIA, Otávio; RUIZ-MIRANDA, Carlos Ramón. Manejo alimentar e nutricional de lobo-guará *Chrysocyon brachyurus* em reabilitação. In: CONGRESSO FLUMINENSE DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA, 15.; CONGRESSO FLUMINENSE DE PÓS-GRADUAÇÃO, 8., 2023, Campos dos Goytacazes. **Anais eletrônicos** [...]. Campos dos Goytacazes, 2023.

MOTTA-JUNIOR, José Carlos; TALAMONI, Sônia A.; LOMBARDI, Julio Antonio; SIMOKOMAKI, Kimie. Diet of the maned wolf, *Chrysocyon brachyurus*, in central Brazil. **Journal of Zoology**, [*S. l.*], v. 240, n. 2, p. 277-284, 1996. DOI: 10.1111/j.1469-7998.1996.tb05284.x.

PAULA, Rogério Cunha de; RODRIGUES, Flávio Henrique Guimarães; QUEIROLO, Diego; PINTO, Rodrigo Silva; LEMOS, Frederico Gemesio; RODRIGUES, Lívia de Almeida. Avaliação do risco de extinção do lobo-guará *Chrysocyon brachyurus* (Illiger, 1815) no Brasil. **Biodiversidade Brasileira**, [*S. l.*], v. 3, n. 1, p. 146-159, 2013. DOI: 10.37002/biodiversidadebrasileira.v3i1.381.

PEREIRA, Saulo Gonçalves; MACHADO, Felipe César de Araújo; BORGES, Daniela Cristina Silva; SANTOS, André Luiz Quagliatto; PEREIRA, Wanderson Alves; SILVA, José Onício Rosa da. Lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*): características gerais, mitológicas e seu conhecimento popular na região noroeste de Minas Gerais. **Revista Acadêmica Ciência Animal**, [*S. l.*], v. 17, e17002, 2019. DOI: 10.7213/1981-4178.2019.17002.

PHIPPS, Amanda M.; EDWARDS, Mark S. Diets offered to maned wolves (*Chrysocyon brachyurus*) in North American zoos: a review and analysis. In: WARD, A.; TREIBER, K.; SCHMIDT, D.; COSLIK, A.; MASLANKA, M. (ed.). **Proceedings of the Eighth Conference on Zoo and Wildlife Nutrition**. Tulsa: AZA Nutrition Advisory Group, 2009. p. 51-74. Disponível em: https://nagonline.net/diets-offered-

CC BY

ISSN 2674-8584

Received: 27/09/2026 - **Accepted:** 03/10/2026
Vol: 08.10
DOI: 10.66104/6ydgm925
Pages: 1-15

maned-wolves-chrysocyon-brachyurus-north-american-zoos-review-analysis/. Acesso em: 24 set. 2026.

QUEIROLO, Diego; MOTTA-JUNIOR, José Carlos. Prey availability and diet of maned wolf in Serra da Canastra National Park, southeastern Brazil. **Acta Theriologica**, [*S. l.*], v. 52, p. 391-402, 2007. DOI: 10.1007/BF03194237.

SILVA, Bruno Costa *et al.* Digestive anatomy and diet of free-ranging maned wolf (*Chrysocyon brachyurus*). **Mammalian Biology**, [*S. l.*], v. 105, n. 4, p. 479-488, 2025. DOI: 10.1007/s42991-025-00493-z.

SILVA, Joaquim A.; TALAMONI, Sônia A. Diet adjustments of maned wolves, *Chrysocyon brachyurus* (Illiger) (Mammalia, Canidae), subjected to supplemental feeding in a private natural reserve, Southeastern Brazil. **Revista Brasileira de Zoologia**, [*S. l.*], v. 20, n. 2, p. 339-345, 2003. DOI: 10.1590/S0101-81752003000200026.

VETTER HIEBERT, Joerg Richard *et al.* Rescue and rehabilitation of maned wolf (*Chrysocyon brachyurus*) in Paraguay: case description. **Veterinary Medicine and Science**, [*S. l.*], v. 10, n. 2, e1395, 2024. DOI: 10.1002/vms3.1395.

CC BY